

Esta renda tanto pode servir para um nape-  
ron como para guarnecer uma camisa de noite.  
Usar camisa de noite não é um luxo, mas sim  
uma necessidade para nos irmos deitar sem sujar  
a roupa de cama com as roupas sujas do trabalho.

# Boa Semente

FEVEREIRO DE 1958



90

9

# Grãos de Liturgia

Grande honra é ser zeladora da casa de Deus.

Quando pensamos naqueles que se envaidecem por estar ao serviço de casas nobres, por ser creados, quer da lavoura, quer das salas de ricos e grandes senhores da terra, não podemos deixar de reconhecer como se envaidecem por pouco!

Honra grande é a daqueles ou daquelas que são tidas por dignas da confiança da Igreja, e têm a seu cuidado as alfaias e todo o necessário para celebrar o culto. Grande honra é poder entrar na sacristia para pôr em ordem tudo o que é preciso para o Santo Sacrifício.

Mas se alguma de nós é tida por digna dessa honra, convem que faça por desempenhar esse encargo com o máximo do conhecimento e vontade de servir bem, não esquecendo nunca do Senhor a quem se está servindo.

No último número ficámos de dizer como se dobra o corporal, e hoje aqui mostramos na gravura como isso se faz. Fig. 1, 2, 3, 4.

A cruz bordada não convem ser maior que 2 centímetros, o máximo 3, e não deve ter muito relevo, para que, quando o sacerdote apanha a Sagrada Hóstia, esse relevo não impeça a paténa no arrastar.

Na dobragem do corporal, dar atenção à posição da cruz não só relativamente à primeira dobra, como ao direito do bordado que deve ficar para dentro. O corporal é passado a ferro com pouca gôma.

*Bolsa de corporal.* Fig. 6. É formada por dois quadrados com 21 centímetros de lado. Quase sempre são de cartão forrado de seda lavrada, ou bordada e enfeitada com galões, e deve haver uma para cada paramento.

Esses dois quadrados são unidos apenas de um dos lados em forma de pasta. Às vezes nos dois lados costuma ter uma pequena «ponte» de linha como vai indicado na gravura. Fig. 7.

Serve esta bolsa para levar para o altar o *corporal* e a *pala*.

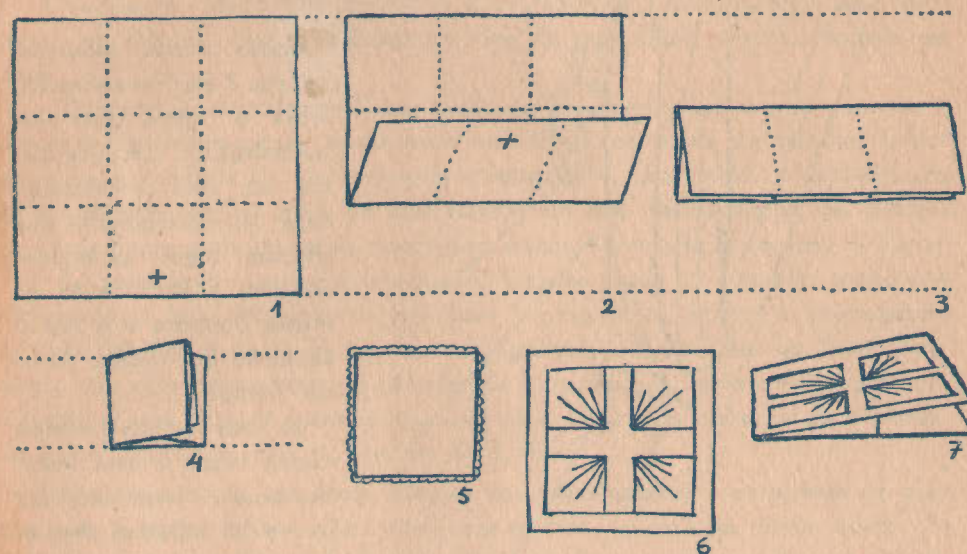
*Pala*, Fig. 5 é um quadrado de linho, embaílhado, com 15 centímetros de lado que serve para cobrir a paténa e o cálix durante a missa. É benzida, assim como o corporal, e é engomada com gôma muito forte.

Para boa ordem, deve ter-se sempre dentro de cada bolsa, um corporal e uma pala. A pala mete-se dentro do corporal, ao meio, depois de fazer a 2.<sup>a</sup> dobra.

Continuaremos no próximo número a descrever os panos litúrgicos, seu uso e tratamento.

Respondemos a uma leitora que nos pergunta se o sacerdote tem obrigação de rezar depois de celebrar a missa. Compreendemos pela pergunta, que esta leitora ficou mal disposta pelo sacerdote não a ter atendido logo depois de se ter desparamentado.

De facto o sacerdote pode não rezar logo as orações recomendadas, os salmos de louvor e acção de graças, bem como, (tomando à letra), nós ir-nos-íamos embora quando o sacerdote diz «Ite missa est»...



Mas há alguém que, depois de comungar do Corpo de Nosso Senhor, não sinta desejo de recolher-se e fazer o possível por dar graças o melhor que pode e sabe? O sacerdote tem não só que dar graças por si mas por todos nós que tomámos parte no oferecimento do sacrifício.

Além da sua própria comunhão, o acto que celebrou foi muito importante, muito solene, muito elevado para que possa logo a seguir ir tratar de outros assuntos ainda que sejam relacionados com a vida paroquial. É pois grande indelicadeza nossa ir procurar o sacerdote logo após a missa. Há casos de urgência, mas aparte esses casos, devemos fazer todo o possível para procurar o Padre antes da missa ou pelo menos um quarto de hora depois.

Serviços de Cultura Litúrgica  
da L. C. F.

# Podia ter acontecido

Já lá vão uns antos... mas, podia ter acontecido a semana passada, porque, infelizmente, o mal não tem melhorado nada...

Houve grande borborinho ali numa ruela escura, a escorrer imundície. Atraída pelos gritos, a vizinhança foi-se aproximando, mas... estacou a certa distância, porque o Pedro, vociferando e brandindo o machado no ar, não animava ninguém a aproximar-se.

A mulher, abraçada a ele, tentava prender-lhe os braços, enquanto os filhos, calçando por dentro a porta e uma janelita meio carcomida, não o deixavam entrar em casa.

Mas, as tábuas velhas iam cedendo e a vizinhança, suspensa de terror, via o homem a despedaçar as últimas tábuas que o impediam de entrar em casa.

Então, dois homens valentes que as mulheres tinham ido chamar a correr, saltaram sobre ele e dominaram-no. Os vizinhos aproximaram-se e começaram a querer chamá-lo à razão.

— «Hei-de matá-la! Envergonhou-me! Não lhe perdoo!» E o Pedro batia os pés no chão e agitava a cabeça com tal fúria que amedrontava o mulheiro.

— «Porquê tanto ódio e sede de vingança?»



Porque a filha mais velha, uma garota há pouco entrada na adolescência, tinha sido apanhada pela policia numa casa de «má nota» nessa tarde de feira, na vila próxima.

O pai resolvera matá-la para cortar o mal de uma só vez e assim, pensava ele, passar uma esponja sobre a nódoa que lhe enlameava a família.

— «Essa agora! comentou a comadre Luiza para quem a queria ouvir, então ele julgava que iriam nascer lirios brancos dos cardos que semeou?»

— Não percebo o que quer dizer com isso, comadre, disse a Josefina.

— Pois não custa muito a perceber! Vocês não sabem que ele é um homem que nunca pensou senão na pândega e no vinho?

— Lá isso é verdade! De tão boas propriedades que herdou, já hoje não tem nada, tirando este pardieiro miserável onde vive.

— Se ele até conseguiu fazer da mulher essa desmaseada que para aí anda aos caídos!

— E que bonita que ela era quando se casou! Parece que ainda estou a vê-la no dia do casamento, a sair da igreja de braço dado com ele!... Mas... uns copitos no inverno para aquecer, outros no verão para refrescar... uma pinga de aguardente para matar o bicho e depois de ceia para preparar um bom sono... e ela aí está, tão desfigurada que até mete nojo...

— E a vida que eles levam?! Ainda um dia destes foram os três, pais e filha, para o baile na taberna do Joaquim Pisco. Era noite velha, os pais já cansados, recolheram a casa, mas a rapariga por lá ficou até de madrugada!

— Então eles foram deitar-se e deixaram a pequena na taberna?!

— Foram, sim! São dos tais que têm muita confiança nas filhas e dizem que «quem não se guarda por si, não é bem guardado por ninguém».

— E agora, trata-se de matar a rapariga?! É um bom remate para a educação que lhe deram, não haja dúvida!...

— Ó senhora Luiza, e se o regedor fosse pedir ao senhor Presidente da Câmara para pôr a pequena numa casa de regeneração onde, longe dos maus exemplos dos pais, ela aprendesse a ser uma mulher trabalhadeira e honrada?

— Isso é difícil, porque essas casas são poucas e as desgraçadas são muitíssimas, mas, mesmo que se conseguisse interná-la, é um triste remedeio... Enquanto estiver lá fechada, está livre de fazer tolices, mas depois? Como há-de ela resistir às más inclinações da sua natureza viciada pelo vinho que os pais beberam e pelos defeitos que lhe deixaram adquirir?!

— Não me diga que ela herdou deles a tendência para se portar mal! Olhe que a mãe, apesar do defeito do vinho, foi sempre séria!...

— Pois foi! Deus me livre de dizer o contrário! Mas os filhos das pessoas que bebem de maus, mesmo que se não embriaguem, nascem fracos de vontade para poderem impor a si mesmos uma linha direita de conduta. Por isso há por esse mundo fora tantos mandriões, mentirosos, ladrões, bêbados, etc. E só Deus sabe a luta que muitos travam toda a vida para se portarem à altura.

— A! senhora Luiza, se nós pensássemos no mal que podemos fazer aos filhos quando nos deixamos arrastar por qualquer vício, parece-me que faríamos os maiores sacrifícios para correr com ele.

Eu tinha lá coragem de desgraçar esta riqueza?! Meu rico menino!...

E a Josefina apertou ao peito um pimpolhozito de seis meses, vermelho que nem uma maçã camoêsa, de olhos arregalados para a mãe.

## na nossa terra...